

TRANSFORMAÇÃO SOCIAL E EDUCAÇÃO NO MEXICO ANTIGO

REGINALDO ALIÇANDRO BORDIN*

RESUMO: A preocupação do presente trabalho foi estudar as origens, o desenvolvimento e a educação da civilização asteca. Oriundos do Norte Mexicano, os astecas atravessaram parte dos territórios até se estabelecerem entre os lagos de *Texcoco*, onde permaneceram definitivamente. Guerreiros, controlaram outras tribos ali estabelecidas e se desenvolveram economicamente, arrecadando tributos. À medida que se enriqueciam, centralizavam o poder político nas mãos de líderes religiosos, que definiam padrões comportamentais mais rigorosos. Para isso eles contaram com a colaboração de um sistema educacional, organizado em duas etapas: informal e formal. Na informal, cabia aos pais e aos membros do coletivo ensinar comportamentos básicos às crianças, além do trabalho doméstico. Na educação formal, duas escolas deram sua contribuição: o *telpochcalli* e o *calmécac*. O *telpochcalli* era a escola responsável por treinar os jovens para a guerra, mas constava de seu programa também o ensino da religião, da música, da dança e do trabalho comunitário. O *calmécac*, por sua vez, tinha por função aprofundar o ensino da religião, o que demonstra ter sido uma escola responsável principalmente por educar sacerdotes e aqueles que conduziriam o Império asteca. Com essas características, a educação asteca foi organizada no sentido de atender às necessidades dessa sociedade, o que explica os objetivos desses dois centros educacionais de preparar os jovens com ênfase nas atividades bélica e religiosa.

PALAVRAS-CHAVE: Asteca; transformação social; educação; México.

SOCIAL AND EDUCATIONAL CHANGE IN FORMER MEXICO

ABSTRACT: The current assignment aimed to study the origins, the development

* Mestre em Fundamentos da Educação pela Universidade Estadual de Maringá, Paraná. É professor de Filosofia do direito no CESUMAR e de Filosofia da Educação na Faculdade Palas Atena, Astorga, Paraná. E-mail: r.a.bordin@uoI.com.br

and the education of the Aztec civilization. Originating from the north of Mexico, they crossed parts of the Mexican territory until they settled between the lakes of *Texcoco*, where they stayed definitely. Warriors, they controlled other tribes that were settled there too, and they developed economically, collecting money. As they got rich, they centralized the political power in the hands of the religious leaders that defined stricter standards of behavior. For that, such leaders had the cooperation of an educational system, which was organized in two phases: informal and formal. The former fell to the parents and members of the collective: the task to teach the basic behavior to the children, besides teaching the domestic chores. In the formal education two schools contributed: the *telpochcalli* and the *calmécac*. The *telpochcalli* was the school which was responsible to train the youngsters for the war, but it was also taught religion, music, dance and communitarian work. The *calmécac* had the objective to deepen the teaching of religious, what demonstrates that this was the school that hold responsible mainly for educating priests and those who would lead the Aztec empire. With these qualities, the Aztec education was organized aiming to offer whatever their society might need, explaining the goals of these two educational centers when preparing youngsters with emphasis in war and religious activities.

KEYWORDS: Aztec; Social change; Education; Mexico.

1.1 ORIGENS ASTECAS

A história dos astecas começou no ano de 1299 da nossa era, quando esse povo chegou à região de *Chapultepec*. Não se sabe com certeza de onde vieram, porém suas tradições asseguram que procediam do Norte. Esse “Norte” corresponde hoje ao Sul dos Estados Unidos, uma zona árida, de onde emigraram também outros povos mesoamericanos de língua *nahua*, aparentados com os astecas, como os *toltecas* e os *chichimecas*.

Descendentes dos *chichimecas*, acredita-se que a marcha por eles encetada teve início em *Aztlán*, no ano de 1168^{II}; contudo, é provável que *Aztlán* represente apenas um sentido mítico e religioso, pois não há evidências suficientes que comprovem sua existência. A tradição aponta *Aztlán* como o lugar para onde *Huitzilopochtli*, o deus tutelar das tribos que ali viviam, estimulou-os a imigrar em busca de outro território, pois eram tribos miseráveis. Segundo suas crenças, o deus, assumindo a forma de um colibri, fez uma promessa de assentá-los em solos férteis, onde construiriam um grande império. Essa característica indica que a marcha

tinha um sentido religioso, pois se acreditavam guiados por um deus.

Esse movimento em direção ao centro do México não se caracterizava como um processo de colonização em terras desocupadas, pois parte dos territórios já estava povoada, o que levou as tribos à procura de terras menos habitadas. Além disso, outras questões podem contribuir para explicar a contínua mudança de região: o aumento demográfico e a escassez de água e de recursos alimentícios. Somada a esses fatores, a constante imigração no vale havia estimulado a disputa territorial entre os povos, contribuindo para aumentar as guerras pelo controle da região.

Nesse caso, a promessa envolve uma situação não especificamente religiosa, mas econômica e política. O estado precário do vale obrigou as tribos a formar grupos, os *calpullis*^{IV}, e partir em busca de melhores condições para suprir suas necessidades. Sendo assim, nas crônicas e nos mitos que tratam da peregrinação, a promessa tem um conteúdo que expressa o “desejo” do asteca em superar sua condição de errante. A crença no deus-guia era apenas um elemento ideológico que procurava dar unidade aos peregrinos.

Ven, oh Chalchihuatlanac, y dispón con cuidado y método necesario para que lleves a las muchas gentes que contigo irán; y que sean pues herencia de cada uno de los siete ‘calpulli’ aquellos que cogierais aquí, quienes habían caído junto a la biznaga; de los más fuertes y recios de los mexicanos, puesto que los naturales serán incontables, porque nos iremos a establecer, a radicar, y conquistaremos aios naturales que están establecidos en el universo; y por tanto os digo en toda verdad que os haré señores, reyes de cuanto hay por doquiera en el mundo; y cuando seáis reyes tendréis aliá innumerables, interminables, infinitos vasallos, que os pagarán tributos, os darán innumerables, excelentísimas piedras preciosas, oro, plumas de quetzal, esmeraldas, corales, amatistas, las que vestirán primorosamente, así como las diversas plumas (TEZOZOMOC, 1949, p.23-24).

Orientados por velhos sacerdotes, os *teomamas*, que eles acreditavam serem mensageiros do deus-guia, os astecas marchavam em direção ao Sul, atravessando terras alheias. À frente os carregadores do deus, sacerdotes-soldados, levavam nas costas um divino fardo. Em suas silhuetas curvadas repousava um tosco volume de enorme cabeça de colibri feita de fibras. *Huitzilopochtli* lhes aparecia e lhes

falava. Em cada etapa expressava seus oráculos, sempre para dizer: Mais longe! Mais longe! Nessa difícil marcha, alguns vassallos se rebelaram, cansados de servir a um deus sempre insatisfeito. A tribo foi dividida; entretanto, o núcleo de seus servidores permaneceu fiel, agrupado em torno do grande pássaro (SOUSTELLE, 1992).

Segundo os mitos, havia uma divergência entre *Huitzilopochtli* e sua irmã *Malínal Xóchitl*, a deusa da lua, que não aceitava as orientações religiosas de seu irmão. Conta-se que *Huitzilopochtli* considerava *Malínal Xóchitl* uma “feiticeira”, pois causava divisões entre os grupos; por isso, recomendou aos seus sacerdotes que rompessem com a deusa e prosseguissem a marcha.

Não obstante, o mito que retrata a separação do deus solar da deusa lunar revela uma situação: os seguidores de *Huitzilopochtli* se opuseram a uma religião pacífica, por considerarem-se guerreiros. Para estes, a conquista do poder se realiza com coragem, força e sangue; portanto, a guerra é condição indispensável. Os que adotaram *Malínal Xóchitl*, ao contrário, não aceitavam a guerra e se congraçaram com deuses e homens mediante a arte da magia, sem sacrifícios humanos. Nesse caso, a discordância entre as divindades tem como pano de fundo concepções distintas de sociedade e de religião. Os astecas romperam com uma tradição religiosa que negava o sacrifício humano e estabeleceram a guerra como meio de conquistar os “quatro rumos do universo”,

Siendo pues así una hechichera grandemente malvada, por lo que no la quiso Huitzilopochtli, y por ello no trajo acá a su hermana Malinalxoch, dejándola dormida junto con sus padres. Inmediatamente dijo Huitzilopochtli, el sacerdote, a sus padres. [...] ;Oh, padres míos!, no es mi tarea el cuidar de Malinalxoch. Cuando salí, fuí enviado acá, diéronseme allá la flecha y el escudo, puesto que la guerra es mi tarea; [sem grifo no original] para que mi voluntad rija en los poblados de todas las partes esperaré, me enfrentaré a, me encontraré con las gentes de los cuatro puntos cardinales, y les daré de beber, les daré algo, pues reuniré aquí a las diversas gentes (TEZOZÓMOC, 1949: p.28-29).

Contudo, para Gutierre Tibón, o mito tem ainda um outro sentido. De acordo com a lenda, no lugar onde *Malinal Xóchitl* ficou seus seguidores fundaram duas cidades: *Malinalco* e *Michoacán* (TIBÓN, 1997). Essas cidades, herdeiras do culto aos deuses lunares, representaram centros de resistência aos peregrinos que nutriam a fé em *Huitzilopochtli*. Essa resistência foi tão significativa que *Malinalco*, por exemplo, foi uma importante aliada de *Hernán Cortés*, na capitulação de *Tenochtitlan*, em 1519.

Todavia, os fiéis adoradores de *Huitzilopochtli* se estabeleceram em *Coatépéc*, a montanha da serpente. Ali ergueram um santuário ao deus; mas pouco tempo ali ficaram, pois a terra pertencia aos *otomíes*^v, que trataram de expulsá-los rapidamente. A natureza belicosa dos astecas e a disputa pelo espaço vital não agradaram aos *otomíes*, por isso foram obrigados a se retirar de suas terras.

Ao retomar a peregrinação, freqüentemente interrompida por combates com tribos rivais, o povo, caçador e guerreiro, desprovido de casas e vestuários de tecido, adotava um sistema de viagem bem peculiar: permanecia um ou dois anos num mesmo local, enquanto olheiros procuravam outros lugares para fazer plantio de milho; efetuada a colheita, partiam em busca de novos lugares.

[...] cuando se asentaba en algún lugar bueno permanecían como por unos veinte años; cuando se hallab,m a gusto se establecían en el sitio por dos, tres, cuatro, cinco, diez o quince años [...] por todas as partes davan nombres a la tierra; por alimentos y sustento venían comiendo carne, frijol, bledos, ‘chía’ chile y jitomate. [...] Ya se dijo que los mexicanos vagaron durante bastante tiempo por ti erras chichimecas; de algunos lados se fueron dejando las matas de maíz en espiga, de algunos lados partieron dejando las mazorcas de maíz, tiernas y a medio madurar, cuiando ya amarilleaban; y en algunos lados hasta cosecharon y vinieron tomándolo por sustento; e hicieron muchas cosas en el camino, cuando vinieron y anduvieron por todas partes (TEZOZÓMOC, 1949: p.26-27).

A marcha, nesse caso, não pode ser interpretada apenas pela “procura” de terras. Fernando Alvarado Tezozómoc oferece elementos para identificar nas andanças e nos conflitos um processo lento de transformação da estrutura econômica, política e religiosa. Segundo o cronista, os astecas permaneciam mais tempo na paragem escolhida e davam nomes a esses lugares, num indicativo de posse. Portanto, a vida errante aos poucos estava sendo substituída pela sedentária, caracterizada por um modelo de produção pautado pelo desenvolvimento da agricultura e pela prática da guerra como meios de aquisição de terras, tributos e vítimas para os sacrifícios.

Esta relação de produção se intensificará a partir do assentamento dos astecas em *Chapultepec*, nas proximidades do Lago de *Texcoco*, localizado no vale da *Anahuac*. Nesse lugar permaneceram por 15 anos, resistindo a violentos ataques dos povos ali estabelecidos, dentre eles os *tepanecasvi*, os *malinalcas* e os *culhuasvil*. Dessa forma, a ocupação asteca dessa região não acontecia de forma pacífica, pois os povos ali assentados tinham formado comunidades prósperas e entendiam que os astecas, dado o caráter belicoso, representavam uma ameaça (NICHOLSON; CALSON, 1998).

A situação em *Chapultepec* piorou quando os astecas passaram a freqüentar as cidades vizinhas para raptar mulheres, causando uma situação desconfortável na região. Essa postura contribuiu para que as aldeias *Chalco*, *Xochimilco*, *Azcapotzalco*, *Tlacopan*, *Coyocoan* e *Culhuacan* e outras formassem uma aliança em tomo de um objetivo comum: combater o invasor. Os astecas, mediante essa poderosa coalizão, em 1319 foram derrotados e expulsos de *Chapultepec*. Desmoralizados, apelaram ao senhor *Coxcoxtli*, então rei de *Culhuacan*, que lhes permitisse assentar-se em seus territórios.

¡Oh sefior, oh rey! [...] ¿a dónde iremos en verdad?, pues sabemos de cierto que es pueblo tuyo; ¡socórrenos con un poquito de tierra a donde vayamos!; y Coxcoxtli les repondió luego, dijéndoles: Está bien. De inmediato convocó Coxcoxtli a sus co-príncipes, a los culhuacanos, y les dijo: ¿Adónde irán? Respondiéndole sus co-príncipes: ¡Oh sefior, oh rey! que vayan allá, junto a los cerros de aquí, de Tizaapan; y con toda prontitud fueron a dejarles, asentarles allá en Tizaapan. (TEZOZÓMOC, 1949: p.49-50)

Diante do pedido de asilo, o chefe dos *Culhuacanos*, que conhecia o talento guerreiro desse povo, permitiu-lhes que se assentassem num território estéril e pedregoso, *Tizapan*, a casa das serpentes, a fim de que morressem picados por elas. Mas os astecas não apenas sobreviviam transformando as serpentes em fonte de alimento, mas também progrediam rapidamente.

De inmediato convocó Coxcoxtli a sus co-príncipes, aios culhuàcanos, y les dijo: ¿Adónde irán?, respondiéndole sus co-príncipes: ¡Oh señor, oh rey! Que vayan allá, junto aios cerros de aquí, de Tizaapan; Y con toda prontitud fueron a dejarles, asentarles aloá en Tizaapan. Y muy luego le dieron parte el rey, diciéndole: ¡Oh señor, oh rey! Fuimos pues a dejar a 10s mexicanos a Tizaapan, y Coxcoxtli les dijo: está bien, ya que no son gentes, sino grandes bellacos; tal vez allá perezcan comidos por las serpientes, puesto que por aliá hay muchas. Los mexicanos se alegraron grandemente en cuanto vinieron las serpientes, y las asaron y cocieron todas, y se las comieron (TEZOZÓMOC, 1949: p.50).

Os anos de peregrinação pelo deserto haviam proporcionado aos astecas experiência no trato com condições adversas, pouco favoráveis à agricultura. O terreno árido fez com que os peregrinos se adaptassem, pelo menos provisoriamente, às suas condições, situação que provocou certo desconforto aos *culhuacanos*, aumentando ainda mais o sentimento de desconfiança.

Y luego ya dice Coxcoxtli, recordó, ya les dice: ¡Oh culhuàcanos!, los que fuistes adejar, pues id a verles, acaso murieron, vamos a verles! Y cuando fueron vieron que están haciendo humo, u fuego; y en cuando llegaron los culhuàcanos les dijeron: Habéis sufrido, oh mexicanos! tan sólo os hemos venido a ver y a saludar, ¿cómo estáis?; incontinenti les repondieron: nos habéis hecho merced, y estamos contentos; dijéronles: está bien, ya nos vamos; fueron ai palacio inmediatamente, rindieron cuentas a Coxcoxtli, diciéndole: ¡Oh señor, oh rey! Fuimos pues a verles, y han dado cuenta de Ias serpientes, hánselas comido todas. Dijo entonces Coxcoxtli: ¡Ved pues cuán bellacos son; no os ocupéis de ellos ni les habléis! (TEZOZÓMOC, 1949: p.50-51).

A situação incerta do vale possibilitou uma mudança de direcionamento que aparentemente uniria as duas tribos. *Coxcoxtli*, chefe de *Culhuacan*, tendo-se envolvido em guerra com *Xochimilco*, mobilizou as forças dos astecas para ajudá-lo a derrotar o inimigo. O sucesso da participação asteca na guerra contribuiu para que a tribo ganhasse prestígio entre os *culhuacanos*, de modo que obtiveram de *Coxcoxtli* permissão para entrar em sua cidade e realizar pequenas trocas comerciais, além de aparentar-se com eles por via de casamento.

A aparente união se rompeu quando, em 1323, iniciou-se uma guerra entre os *culhuacanos* e os astecas. O motivo para essa guerra foi o sacrifício de uma princesa *culhuacana* pelos astecas. Acreditando receber ordens de seu deus, um grupo de sacerdotes foi pedir a filha de *Achitometl*, novo chefe de *Culhuacan*, para convertê-la em uma nova deusa. *Achitometl*, cedendo aos pedidos dos sacerdotes, por medo ou por ambição concedeu sua filha aos aliados (LEÓN-PORTILLA, 1995).

Dijo luego Huitzilopochtli a sus padres: ¡Oh padres míos! Há de aparecer otra persona llamada Yaocihuatl, abuela mía; procurémosla pues; oíd, oh padres míos, que no estaremos aquí, sino más allá aún se hallan quienes apresaremos y dominaremos; mas no iremos inútilmente a tratar familiarmente a los culhuacanos, sino que iniciaremos guerra; ahora aplicaos, arreglaos, pues oístes que allá aparecerá Yaocihuatl, mi abuela; os lo ordeno, pues, id a pedirle a Achitometl su vástago, su hija doncella, su propia hija amada; yo sé, y os lo daré yo [...] ¡Oh padres míos!, matad, desollad, os ordeno, a la hijade Achitometl; y cuando la hayáis desollado vestidle el pelejo a algún sacerdote. (TEZOZÓMOC, 1949: p.54-55).

Segundo a tradição, *Huitzilopochtli* ordenara aos chefes religiosos que matassem a jovem e vestissem um deles com sua pele, transformando-o em *Yaocihuatl*, a divindade guerreira. Ainda insatisfeito, *Huitzilopochtli* solicitou aos sacerdotes que convidassem *Achitometl* para adorar a nova deusa e que trouxessem flores, tabaco e comida para oferecer à divindade (LEÓN-PORTILLA, 1995).

Durante a cerimônia, as oferendas eram apresentadas e codornizes eram degoladas para homenageá-la. Quando *Achitometl* se aproximou, percebeu que

era a pele de sua filha que cobria o sacerdote. Tomado de espanto, o rei convocou seu povo e declarou guerra aos astecas.

[...] y después, al estar incensando él mismo, alumbró el incensario y reconoció Achitometl el pellejo de su hija doncella, por lo que se espantó grandemente De inmediato llamó a gritos a sus copríncipes y a sus vasallos, diciéndoles: ¿Quiénes sois vosotros, ¡oh culhuàcanos!/? ¿Qué no veís que han desollado a mi hija? No durarán aquí los bellacos: ¡matémosles, destruyámosles y perezcan aquí! Imediatamente hubo combates a causa de esto, y ai punto dijo Huitzilopochtli a sus padres: Yo sé; salíos pausada y cautelosamente (TEZOZÓMOC, 1949: p.57-58).

Devido ao incidente, os astecas foram expulsos do território. Deslocados e perseguidos, partiram atravessando uma região pantanosa em busca de um território seguro e de efetivarem as promessas de um deus sempre insatisfeito. Assim, capitaneados por *Tenochtzin*, passaram por *Iztacalco*, *Pantitlan* e *Temazcaltitlan*, lugares onde repousaram provisoriamente seus escudos para realizarem sacrifícios e continuarem a busca.

Segundo as crônicas, dois anos após serem expulsos de *Culhuacan*, os sacerdotes encontraram, num terreno alagado, erguida sobre uma penca de cacto, uma águia comendo uma serpente.

No lugar onde estavam deveriam erguer um santuário e iniciar a construção de uma cidade, que viria a ser a capital, *Tenochtitlan*; cidade que seria levantada para dominar os povoados vizinhos, como era desejo de *Huitzilopochtli*.

Allí estaremos, dominaremos, esperaremos, nos encontraremos con las diversas gentes, pecho y cabeza nuestros; con nuestra flecha y escudo nos veremos con quienes nos rodean, a todos a los que conquistaremos, apesaremos; pues aí estará nuestro poblado Mexico Tenochtitlan. (TEZOZÓMOC, 1949: p.64-65)

A promessa de *Huitzilopochtli* se cumpriu. Os astecas, leais seguidores do deus guerreiro, depois de marcharem pelo deserto e fugirem de *Culhuacan*, encontraram refúgio na região alagada de *Texcoco*. No lugar pantanoso deram início à construção dos primeiros núcleos habitacionais, mas o marco inicial de

Tenochtitlan foi a edificação de um oratório feito de bambu, em homenagem ao deus protetor:

Asi pues, paupérrima y miserabilísimamente hicieron la casa de Huitzilopochtli; cuando erigieron elllamado ‘Oratorio’ era todavia pequeno, pues estando en tierra ajena, cuando se vinieran a establecer entre los ‘tulares’ y los carrizales, ¿de dónde habían de tomar piedra y madera?, puesto que eran tierras de los tepanecà, dei azcapotzalcà, así como dei àculhuàcano, encontrándose en ellindero de los colhuàcanos, por todo lo cual sufrían muchísimo (TEZOZÓMOC, 1949: p.67-68).

Não diferentes do rústico templo, as casas eram pequenas e pobres, normalmente feitas com canas sobre estacas cobertas de palhas e geralmente assentadas parte sobre terra firme e parte em meio aos pântanos. Pequenas pontes feitas de bambu misturado com pedras e terra aplainada facilitavam a circulação de pessoas, a qual também era possibilitada por pequenos barcos feitos de junco, usados inclusive para a pesca, atividade importante para a sobrevivência dos que ali estavam.

Para suprir suas necessidades, tiveram que se adaptar às condições do solo pantanoso. Construir diques e canais era essencial para tornar possível o cultivo dos alimentos que manteriam a população ribeirinha. Por outro lado, a agricultura na região alagada foi possível graças à obtenção de “solps artificiais”, através de cercados de madeira, varas entrelaçadas e terra, chamados de *chinampas*, verda-deiras ilhas flutuantes amarradas com cordas no fundo do lago, as quais proporcionavam um terreno fértil, propício para o cultivo de hortaliças e outros gêneros alimentícios (PEREIRA MELO, 1998).

Aos poucos, a região conquistada era ocupada por pequenas construções e atividades de subsistência. As construções, o aproveitamento do solo e as atividades econômicas caracterizavam uma tribo que passava por um processo de mudanças no sistema de produção, pois, errantes em terras alheias, souberam impor a força bélica e política para conquistar territórios e mantê-los sob controle. De povo errante seria elevado à condição de império. Mas, como explicar esse processo rápido de mudança?

É provável que as condições geográficas tenham sido um fator importante para

esse desenvolvimento. As terras pelas quais os astecas haviam passado não eram propícias para o desenvolvimento da agricultura, limitando, até certo ponto, a possibilidade de sobrevivência e desenvolvimento da tribo. Em *Tenochtitlan*, embora fosse alagado, o terreno ofereceu melhores condições para a prática da agricultura, o que exigiu um sistema de engenharia hidráulica para escoar o excesso de água. Além disso, o local era abundante em peixes, pequenos animais e aves, que os astecas poderiam consumir e comercializar com as cidades circunvizinhas.

Cuando fueron a salir al interior del carrizal y vinieron muchísimas maravillas, fué pues a causa del mandato de Huitzilopochtli a sus padres [...] Con su propia boca se lo dijo y ordenó Huitzilopochtli a los mexicanos. Inmediatamente vieron el ahuehuete, el sauce blanco que se alza allí, y la cana y el junco blancos, y la rana y el pez blanco, y la culebra blanca del agua, y luego vieron había en pie unidos un escondrijo, una cueva; [...] En cuanto vieron esto lloraron al punto los ancianos, y dijeron: de manera que aquí es donde será, puesto que vimos lo que nos dijo y ordenó Huitzilopochtli, el sacerdote, al decir de este modo veréis dentro del tular, dentro carrizal, puesto que hay muchas cosas, y ahora lo hemos visto y nos hemos maravillado de ello (TEZOZÓMOC, 1949: p.62-63).

As condições geográficas não podem, isoladamente, ser consideradas a única causa do desenvolvimento de *Tenochtitlan* e do Império asteca. A organização do poder político e social, formulada para fortalecer os vínculos comunitários, criou uma identidade comum que vinculava os vários grupos ou *calpullis*. Essa identidade comum uniu os astecas em torno da execução do projeto concebido anteriormente: construir *Tenochtitlan* (FLORESCANO, 2000).

Outra questão a ser considerada diz respeito à divisão de tarefas e do território que os astecas incorporaram para edificá-la. Durante a fundação da cidade a tribo era composta por vários grupos ou clãs, provavelmente uns vinte, também conhecidos por *calpullis*, que foram divididos em quatro grandes núcleos. Os clãs eram constituídos por grupos de famílias com relação de parentesco e cada um deles utilizava uma parte do terreno cultivável. Segundo Stuart Schwartz e James Lockhart, os membros do grupo, que poderiam viver concentrados numa aldeia ou

dispersos pela terra, mantinham um conjunto de relações entre as pessoas e a terra e das pessoas entre si, já que a maioria desses grupos casava-se internamente. Assim, reforçavam os vínculos familiares e a posse da terra, mantendo um sentimento de identidade comum (SCHWARTZ; LOCKHART, 2002).

A organização desses territórios era feita por “supervisores”, os *calpullec*. Em cada um dos núcleos residia um *calpullec*, que comandava as atividades laborais, como distribuir adequadamente a terra e determinar o seu uso, arrecadar impostos e cuidar da vigilância interna dos bairros. A alguns membros dos clãs cabiam a propriedade da terra e a direção do núcleo, enquanto aos demais eram destinadas as atividades da agricultura e artesanato, entre outras. Essa rígida divisão de funções sociais repercutia o grau de importância que cada clã assumia nas ordens das respectivas tribos.

Nesse caso, existia na administração do vilarejo um conselho, que dividia a terra para os clãs, e os responsáveis de cada um desses clãs, por sua vez, dividiam o quinhão recebido entre os líderes familiares, configurando uma estrutura hierárquica de poder centralizado. Também eram reservados talhões para a manutenção do chefe do templo e dos guerreiros, e esses talhões eram cultivados comunalmente, porém é provável que havia ajuda de trabalho compulsório. Esse grupo estava constituído principalmente de pessoas que efetuavam algum tipo de trabalho para outra em troca de dívidas não pagas ou por terem cometido algum delito, como o roubo (ROJAS, 1992).

Segundo Jacques Soustelle, os representantes dos diversos *calpullis* deliberavam em grupo decisões importantes, o que configuraria a existência de um “grande conselho” responsável por coordenar as atividades da comunidade (SOUSTELLE, 1992). O conselho nomeava líderes para orientar, fiscalizar e dividir as terras, bem como o trabalho nos diversos *calpullis*. Suas orientações dirigiam-se a assuntos civis, militares e religiosos.

À medida que organizavam uma estrutura econômica caracterizada pela divisão das terras e do trabalho para a produção agrícola, os astecas consolidavam um processo de transformação social iniciado durante a marcha, pois o nomadismo estava sendo substituído por novas relações de produção, que tinham como principal fonte de captação de recursos a cobrança de tributos.

Durante o século que antecedeu a fundação de *Tenochtitlan* predominava uma estrutura social rudimentar, baseada nas relações de parentesco e na produção

de subsistência; mas a partir do estabelecimento dos astecas no Vale Central do México, a sociedade se consolidaria com um novo modelo econômico, político e religioso. Em primeiro lugar, a economia de subsistência foi substituída pela produção agrícola e por atividades comerciais que abrangiam quase todo o território mexicano. Em segundo, os antigos laços de parentesco que sustentavam as tribos deram lugar ao poder baseado na capacidade do indivíduo, isto é, no mérito pessoal. Por fim, a religião que cultuava *Huitzilopochtli* se ampliou, tornando-se dominante nos cultos astecas.

Qual o fator que impulsionou as mudanças? Tudo indica que as transformações ocorreram principalmente ‘através da guerra ou da ameaça de guerra, envolvendo a conquista e a expansão territorial. O povoado conquistado mantinha sua identidade, autonomia local e os líderes, mas esperava-se que pagasse os tributos aos conquistadores e adorasse seus deuses, além de sofrer pressões na escolha de seus líderes. Por meio de membros de uma nobreza conquistada que, por casamento, iam viver entre os conquistadores, esses acabavam por nomear o governante local, contanto que os governantes impostos fossem da dinastia tradicional (SCHWARTZ; LOCKHART, 2002).

Esses contatos possibilitaram que os astecas pudessem eleger seus primeiros *tlatoanis*, ou senhores reais, inaugurando uma outra estrutura de poder. A partir de *Acamapichtli* em 1376, os *calpullis* deixaram de ser liderados por velhos sacerdotes, passando para uma nova linhagem de governantes, concentrando sua força política e religiosa.

1.2 INSTAURAÇÃO DO IMPÉRIO

Em meados do século XIV, numerosas populações se agrupavam em torno das cidades mais influentes do vale mexicano, como *Azcapotzalco*, *Tlatelolco*, *Texcoco* e *Tenochtitlan*. Porém, durante todo o século, esses centros haviam lutado para estender e solidificar suas zonas de influência, o que requisitou pactos políticos e alianças a partir de laços de parentesco. A cidade de *Xaltocan* ampliou seus domínios territoriais em direção ao Norte, aglutinou os *otomíes* e manteve um estado beligerante com os *chichimecas*. *Culhuacan*, por sua vez, sustentava o controle da Região Sul, enquanto *Azcapotzalco* controlava o lado ocidental e os vales de *Toluca* e *Ixtlahuaca* (AUSTIN; LUJÁN, 1999).

Na região, *Azcapotzalco* era a cidade mais expressiva de sua época. Sua

hegemonia política e econômica alcançou esplendor em meados do século XIV, quando alargou suas fronteiras dominando outras cidades, como *Culhuacan*. Devido a esse movimento, parte dos culhuacanos retirou-se para o Norte e se estabeleceu provisoriamente em *Texcoco*. Os *tepanecas* de *Azcapotzalco*, por sua vez, haviam se deslocado para o Sul, mas, impedidos de avançar devido às condições geográficas, voltaram para o Norte entrando em confronto direto com *Texcoco*. *Tezozómac* (1343-1426), o chefe de *Azcapotzalco*, quebrou o poderio de *Texcoco* e transformou esse povoado em seu vassalo, passando a dominar rapidamente outras cidades, como *Tenochtitlan* (VAILLANT, 1992).

No período em que os astecas fundaram *Tenochtitlan*, o conjunto de ilhas em que a cidade estava pertencia a *Azcapotzalco*, razão pela qual eram obrigados a pagar tributos. Entretanto, embora em território alheio, a cidade asteca prosperava. O número de *calpullis* se ampliou, devido ao aumento populacional e, com ele, a aquisição de novas terras, mediante as incursões militares, causando conflitos entre os povos da região. Não obstante, embora a cidade se desenvolvesse, havia a necessidade de estabelecer relações políticas e centralizar o poder na nobreza, motivo pelo qual os astecas “solicitaram” uma linhagem com os “nobres” de *Culhuacan*, descendentes dos *toltecas*. A partir de *Acamapichtli*, filho de *Opochtli* e de uma princesa *culhua*, em 1376, os astecas inauguraram um sistema de poder, o que refletia seu desenvolvimento.

Al punto fueron a Culhuàcan los mexicanos; en cuanto llegaron inmediatamente le rogaron al llamado Nauhyotl, teuctlamacazqui, rey de Culhuacàn, diciéndole: ¡Oh sefior, oh nieto mío, oh rey! Hemos venido a hacer que olvides tu pena, que te confortes, nosostros los mexicanos chichimecas que somos tus padres y abuelos, ya que venimos humildemente a solicitar tu poblado de Tenochtitlan, y a llevarnos tu siervo, recuerdo, hijo y vástago suyo, collar y pluma preciosa nuestros, elllamado el tercer Itzpapalotl (Acamapichtli); lo consederás ya que es verdaderamente hijo nuestro, y sabemos asimismo que es nieto de los culhuàcanos, de la prosapia de los sefiores, de los reyes de los culhuàcanos; además, irá a hacerse cargo de tu poblado de Toltzallan, de Acatzallan, de Mexico, de Tenochtitlan; aparte, la princesa Illancueitlllegará a ser hija nuestra (TEZOZÓMOC, 1949: p.82-83).

Em seu governo, *Tenochtitlan* prosperou significativamente. Ampliou sua comunicação com outras cidades a partir da construção de estradas, melhorou os canais de irrigação e expandiu as trocas comerciais. Por outro lado, procurou manter uma relação amistosa com *Culhuacan*, oportunizando, por exemplo, casamentos entre a nobreza dos dois povos, atitude que desagradou os *tepanecas*. Estes viam nos laços de parentesco entre os astecas e *culhuacanos* uma possível aliança contra *Azcapotzalco*. Reagindo a essa aliança, os *tepanecas* impuseram novas cargas aos astecas.

Em 1396, o filho de *Acamapichtli*, *Huitzilíhuítl* (1396-1417), deu novo rumo às relações políticas entre os astecas e os *tepanecas*, principalmente depois que ele se casou com uma filha de *Tezozómac* (1343-1427) *Ayauhcihuatl*. Com esse casamento, os astecas conseguiram amenizar os tributos e puderam desenvolver um comércio mais intenso com seus vizinhos. Sendo assim, essas relações matrimoniais podem ser consideradas como estratégias dos astecas para escapar do controle de seus adversários. Com efeito, o parentesco dos *tlatóanis* astecas e *tepanecas* havia garantido vinte e um anos de relativa paz na região.

No início do século XV a situação mudou no Vale Central do México. *Huitzilíhuítl* morreu e foi substituído por *Chimalpopoca* (1417-1427), que reafirmou os laços de parentesco com seu avô, *Tezozómac*. Porém o chefe de *Azcapotzalco* também veio a falecer em 1427; e seu filho *Maxtlatzin* (1426-1429), então senhor de Coyoacan, depois de assassinar seu irmão, assumiu o controle de *Azcapotzalco*. Decidido a impor seu poder, *Maxtlatzin* aumentou os tributos e eliminou seu inimigo *Chimalpopoca*.

En este año mataron a Chimalpopocatzin, rey de Tenochtitlan: los matadores fueron tepanecas. Maxtlaton, rey de Azcapotzalco, sentenció a muerte a Chimalpopocatzin, y a que le sacaran arrastrado por las calles: hizo que le encarcelaran para matarle. [...] Cuando éste [Chimalpopoca] quería agrandar el templo de los tenochcas, llamado de Huitzilopochtli, y estaba labrado el ídolo de piedra, a matarle llegaron los tepanecas. Entonces se suicidó el nombrado Teuctlehuacatzin, que era tlacochcalcatl de Tenochtitlan; porque tuvo miedo: pensaba que así que mataran al rey Chimalpopocatzin, acaso ya les harían la guerra y serían vencidos los tenochcas; y por esto se envenenó. Al saberlo y verlo, montaron en cólera los

tenochacas, nobles y señores. Con tal motivo, los mexicanos se congregaron, concertaron, propusieron, determinaron y dijeron que ninguno de los hijos, sobrinos o nietos de aquél sería estimado o reinaría, sino que siempre pertenecerían a los plebeyos. Y así sucedió; pues aunque sus nietos anduvieron de soldados, peleando bien, ninguno reinó ni fué estimado (CHIMALPOPOCA, 1945: p.38-39).

Para os astecas, as ações de *Maxtlatzin* eram graves, pois significavam a ruptura das alianças políticas firmadas com *Tezozómoc*. Com essa ruptura, os astecas perderam o controle de importantes zonas comerciais e foram afetados com o aumento de impostos. Diante das perdas econômicas e das imposições políticas, os *pipiltin*^{xiii} e os *macehualtin*^{xiv} uniram suas forças para resistir às medidas de *Maxtlatzin* que afetavam a autonomia dos astecas. A nobreza, *pipiltin*, desejosa de ampliar seu poder, queria instituir um governo próprio, independente, por isso contou com a habilidade de *Tlacaélel*^{xy}, que convenceu a maioria do povo asteca a lutar contra os opressores (LEÓN-PORTILLA, 1998).

A participação de líderes como *Itzcóatl*^{xvi} e seu sobrinho *Tlacaélel* foi fundamental para a derrota de *Azcapotzalco*. De grande influência, *Tlacaélel* havia pronunciado publicamente seu pensamento a respeito da submissão a *Azcapotzalco* e junto com *Itzcóatl*, *Motecuhzoma Ilhuicamina*^{xvii} e *Nezahualcoyotl*^{xviii}, organizou seus guerreiros para tornar *Tenochtitlan* livre:

¿Qué es esto, mexicanos? ¿Qué haceis? Vosotros estáis sin juicio: aguardad, estaos quedos, dejadnes tomar más acuerdos sobre este negocio: ¿Tanta cobardia há de haber que nos habemos de ir a entretejer con los de Azcapotzalco? Y llegando al Rey, le dijo: Señor, ¿qué es esto? ¿Cómo permites defensa y honor, y no nos ofrescamos así tan afrentosamente entre nuestros enemigos? (DURÁN, sd, p.70).

Combinando a força de suas tropas, *Tenochtitlan*, *Texcoco* e *Tlacopan*, cidades anteriormente oprimidas pelos *tepanecas*, atacaram simultaneamente *Azcapotzalco*, que em poucas semanas, capitulou. *Maxtlatzin* fugiu para *Coyoacán*, seu antigo reino. Ali, mais uma vez sofreu ataques e finalmente foi

derrotado. O poder de *Azcapotzalco* chegou ao fim em 1427.

Terminados os combates, as cidades vitoriosas repartiram os despojos de guerra, os territórios conquistados. Os astecas e os *texcocanos* conquistaram, cada um, duas partes das terras, e *Tlacopan*, uma parte. Os territórios que os astecas incorporaram situavam-se às margens do Lago de *Texcoco*, posição estratégica para ampliar suas conquistas. Nezahualcoyotl reassumiu a liderança de *Texcoco* e *Tlacopan* parece ter tido uma posição pouco expressiva. Segundo *Georges Vaillant*, desde o momento em que se fixaram novos territórios, os chefes guerreiros estabeleceram uma casta de poder e de riqueza, pois foram os maiores beneficiários da guerra, que transformou *Tenochtitlan* em um império independente (VAILLANT, 1992).

Além das vantagens proporcionadas pela divisão de terras, os setores dominantes astecas efetuaram um conjunto de reformas sociais, econômicas e religiosas, objetivando se consolidar no poder. Exemplifica esse novo quadro o título recebido por *Tlacaélel*, o de *Cihuacóatl*, isto é, conselheiro soberano dos principais líderes. Enquanto conselheiro, *Tlacaélel* sustentou a idéia de construir uma nova relação de poder entre os astecas, ao prometer ascensão social e política a quem participasse com triunfo na guerra contra *Azcapotzalco*. Esta questão produziu, ou pelo menos revelou, uma mudança na hierarquia política, que não mais se baseava na hereditariedade, pois se podia ascender na escala social pelo mérito militar (FLORESCANO, 2000). Essa medida procurava eliminar qualquer traço de descendência *tepaneca*, principalmente aqueles ligados com a linhagem de *Chimalpopoca*.

Para manter o domínio na região, os astecas consolidaram as alianças com *Texcoco* e *Tlacopan*, formando a Tríplice Aliança, tendo como objetivo a defesa mútua, além de se apropriar de terras em direção ao Sul e Centro do México. Nesse sentido, as conquistas de *Itzcóatl*, um dos principais responsáveis pela consolidação do poder asteca, foram significativas: *Xochimilco*, *Teotihuacan* e *Otompan* em 1430, *Coyocan* em 1431, *Mízquic* em 1432, *Cuicláhuac* em 1433 e *Cuaunáhuac* em 1439 (ROIAS, 1992).

Itzcóatl fez o possível para tornar *Tenochtitlan* uma cidade poderosa e influente. Para isso regulamentou, no plano interno, o culto a *Huitzilopochtli*, edificou templos, ordenou uma hierarquia religiosa, instituiu cargos do governo civil, ampliando a burocracia da cidade para “vigiar” sua edificação, e executou terraplanagens a fim de assegurar um acesso mais fácil à cidade (VAILLANT, 1992). Propôs uma nova leitura da história, ao queimar os livros e pinturas que contavam a trajetória,

principalmente dos fracassos, quando da travessia do deserto, substituindo-a por uma nova visão de mundo e de homem, inteiramente religiosa, mítica e guerreira. Externamente, *Itzcóatl* dominou sistematicamente as tribos independentes do vale não sujeitas a *Texcoco*, transformando-as em tributárias.

Motecuhozoma I, cognominado de *Ilhuicamina*, o Furioso, sucedeu *Itzcóatl*. Esse chefe, já destacado dirigente militar nas guerras de *Itzcóatl*, expandiu os domínios de *Tenochtitlan* em direção ao Sul e Oeste, em decorrência do que aumentava o controle das zonas de comércio e garantia o fornecimento dos produtos necessários para a manutenção do Império. Combateu e venceu os *chalcas* e cruzou as montanhas para fazer incursões até o lado oriental do México, nas regiões hoje de *Puebla* e *Veracruz* e ao Sul, para conquistar as populações de *Gurrero* e *Morelos* (VAILLANT, 1992).

No reinado *Motecuhozoma I*, os aspectos culturais de *Tenochtitlan* progrediram significativamente, refletindo o enriquecimento da cidade. Nesse período, *Tenochtitlan* organizou centros escolares, especializados nas atividades bélicas e religiosas, bem como o ensino das normas de comportamentos e conhecimentos práticos. Além disso, tomou medidas para garantir a saúde do povo, construindo um aqueduto desde as fontes de *Chapultepec* para trazer água doce à cidade. Em torno da orla oriental da capital, mandou construir um dique para conter o avanço das águas do lago durante as estações das chuvas.

Em tempos de relativa paz, fez reviver as “Guerras Floridas”, um combate cerimonial entre os guerreiros de duas tribos ou grupos de tribos, o que permitia que fossem feitos prisioneiros para o sacrifício sem os prejuízos econômicos da guerra convencional.

Axayacátl (1469-1481) sucedeu seu pai *Motecuhozoma I*, em 1469. Estendeu o domínio asteca por uma área ainda maior. Entre as conquistas mais importantes desse período está *Tlatelolco*, cidade gêmea de *Tenochtitlan* e famosa por seus comerciantes e um amplo mercado. *Axayacátl*, depois de vencer a cidade vizinha, negou que o conselho da cidade vencida pudesse tomar decisões de importância para o governo. As artes religiosas atingiram completo desenvolvimento em seu reinado. Nesta época, foi construída a grande Pedra do Calendário, que simbolizava todo o universo. Havia também um grande interesse pela construção de templos e edifícios públicos.

No governo de *Tizoc* (1481-1486), os conflitos bélicos diminuíram. O mais importante ato oficial desse rei foi começar o Templo Maior^{XIX} de *Huitzilopochtli Tlalóc*, o deus da chuva, pois consta nos anais que as cidades foram apenas “re-

conquistadas”, não havendo novas conquistas significativas. As obras arquitetônicas, como o Templo Maior e a Pedra de *Tizoc*^{xx}, eram um forte indicativo de que os sacrifícios humanos haviam se ampliado e o poder sacerdotal ganhara um espaço significativo. “

De liderança fraca, possivelmente *Tizoc* morreu envenenado, e seu sucessor, *Ahuítzotl* (1486-1502), iniciou uma nova fase de expansão territorial, que alcançaria o Sul, unindo as duas costas e chegando até a Guatemala e para o Norte até *Huasteca* e Vera Cruz. Estava constantemente ocupado em dominar revoltas, especialmente em *Puebla*, onde os *tlaxcalas* e *cholulas* resistiam ao domínio asteca. Entre essas conquistas, constavam as cidades de *Tequantépec* e de *Xoconochco*, região rica em cacau, geralmente usado como moeda ou bebida, o chocolate. Nesse período, *Tenochtitlan* absorveu um contingente populacional vindo de outras regiões, atraído pela riqueza econômica da cidade, o que pode ser observado pela necessidade de se construir um outro aqueduto.

Com *Ahuítzotl* começa um período de grande desenvolvimento de *Tenochtitlan*. Esse rei realizou numerosas conquistas e promoveu seus guerreiros mais destaca-dos a altos postos da hierarquia militar. Em 1487 realizou uma celebração soleneno Templo Maior de *Tenochtitlan*, onde sacrificaram milhares de vítimasxxi. A política imperial foi fortalecida e os principais senhorios foram ocupados por governantes que eram seus parentes, a exemplo das cidades de *Tlacopan*, *Coyoacan*, *Xochimilco*, *Culhuacan*, *Azcapotzalco* e *Iztapalapa* (ROIAS, 1992).

A partir desse momento, verificava-se nas cerimônias religiosas um aumento significativo da prática de sacrifícios humanos, a qual foi intensificada na administração de *Motecuhzoma Xocoyotzin* (1502-1520), um dos últimos líderes do Império asteca.

Motecuhzoma Xocoyotzin era filho de *Axayácatl* e na juventude havia sido guerreiro; mas, ao ser eleito novo chefe do Império asteca, gozava da privilegiada posição de sacerdote. Essencialmente religioso e devoto de *Huitzilopochtli*, era um homem que se dedicava aos serviços nos templos, com muito jejum e penitências, adotando um rígido padrão de conduta. Por ter essas características, contribuiu para aumentar os sacrifícios humanos, sobretudo quando era atormentado pelas visões que anunciavam o fim de sua cidade.

Não tendo sido uma figura popular, seu governo foi marcado pelo aumento da autoridade real e da nobreza, que reassumiu posições estratégicas de comando. Tudo indica que *Motecuhzoma* soube aproveitar essa estrutura política e usá-la a seu favor. Dispensou todos os dignitários do governo anterior, por considerá-los de

linhagem pouco nobre. Insistiu na observância da hierarquia em todos os níveis sociais (ROJAS, 1992).

Com *Motecuhzoma*, *Tenochtitlan* não era mais um vilarejo, pois havia se convertido, ao longo de duzentos anos, em um conjunto urbano fracionado por canais e rodeado totalmente de águas. Essa apresentação urbanística da capital asteca levou os espanhóis da época da Conquista a identificá-la com Veneza, segundo os registros de Bernal Díaz del Castillo: “Ya habrán oído decir en España y en toda la mas parte della y de la cristandade, cómo Méjico es tan gran ciudad, y poblada en el agua como Venecia” (DÍAZ DEL CASTILLO:1947).

A ligação da cidade com a terra firme era feita por meio de três calçadas, construídas com estacas de madeira, pedras e terra aplainada. Para o norte saía a calçada de *Tepéyac*, a oeste *Tlacopán*, e para o sul *Iztapalpa*, que ia por cima do nível da água. Em algumas partes essas calçadas eram verdadeiras pontes de madeira, por baixo das quais circulavam canoas, de modo que *Tenochtitlán* se constituía em uma cidade-fortaleza, muito difícil de conquistar; caso conquistada, seria fácil a organização da resistência, fato identificado por Cortés, quando conheceu a cidade (PEREIRA MELO, 1998).

Y viendo que si los naturales desta ciudad quisiesen hacer alguna traicion, tenian para ello mucho aparejo, por ser la dicha ciudad edificada de la manera que digo, y que quitadas las puentes de las entradas y salidas, nos podrian dejar morir de hambre sin que pudiésemos salir à la tierra (CORTÉS, 1947: p.32).

A cidade era dividida por quatro ruas amplas e retas. A do sul chegava ao forte de *Xóloc*, onde se bifurcava. A do leste terminava em um desembarcadouro. A do norte conduzia ao cerro de *Tepeyac*. A do oeste levava a *Tlacopan*. Essas quatro ruas dividiam a cidade em quatro bairros: *Zoquipa*, *Atzacualco*, *Cuepopan* e *Mayotlán*. De algumas dessas ruas ficava metade na terra e metade na água, por onde circulavam canoas. Elas não eram contínuas, mas interceptadas de trechos em trechos por aberturas por onde as águas de uma rua se ligavam às da outra, ramificando-se por toda a cidade. Nessas aberturas existiam grandes pontes (PEREIRA MELO, 1998). Segundo Hernán Cortés, as pontes que ligavam a cidade eram “muy anchas y muy grandes vigas juntas y recias y bien labradas; y tales, que por muchas dellas pueden pasar

diez de caballo juntos a la par” (CORTÉS, 1947).

Entre as cidades chamadas de *Tenochtitlan* e *Tlatelolco* havia um canal de irrigação que corria do leste para o oeste. Para passar de uma ilha para a outra, havia pontes com vigas, como as das aberturas das ruas. Na realidade, *Tenochtitlan* e *Tlatelolco* não eram duas cidades, mas um grande conjunto de ilhotas agrupadas e unidas por pontes (PEREIRA MELO, 1998).

Em suas numerosas praças existiam mercados contínuos de compra e venda, os maiores na praça central.

[...] en los dichos mercados se venden todas cuantas cosas se hallan en toda la tierra, que demás de las que he dicho, son tantas y de tantas calidades, que por la prolijidad y por no me ocurrir tantas à la memoria, y aun por no saber poner los hombres, no las expreso (CORTÉS, 1947: p.32).

As praças de *Tenochtitlan* estavam todas cercadas de portais, onde se estima que acima de sessenta mil pessoas compravam e vendiam todos os gêneros de mercadoria, por exemplo, mantas, plumas, frutas, aves, artesanatos, cerâmicas etc. Grupos de pessoas circulavam pelo mercado para fiscalizar o que era vendido e as medidas com que se vendia. Ainda na praça, havia uma espécie de “casa de audiência”, onde permaneciam de dez a doze juízes, para avaliar e julgar o que acontecia no mercado. Eram punidos os que não respeitassem o estabelecido (PEREIRA MELO, 1998).

Toda essa grandiosidade de *Tenochtitlan* conferiu-lhe o título da principal cidade da América Pré-Colonial, além de ser comparada por conquistadores europeus a grandes cidades européias, tais como Sevilla, Córdoba e Salamanca.

Importa considerar que no desenvolvimento, consolidação e pujança do Império asteca, representado por *Tenochtitlan*, papel relevante teve sua educação, nos seus aspectos informal e formal.

1.3 A EDUCAÇÃO ASTECA

A preocupação com a formação de seus pares foi uma das características mais importantes do asteca, fato esse que impressionou seus conquistadores.

Convocada a formar seus membros, a educação procurou cumprir sua parte na construção e manutenção dessa sociedade, que pretendia ser ordenada.

Para a realização de sua função, a primeira etapa de formação acontecia na esfera doméstica. Desde pequenas, as crianças eram orientadas por seus pais a obedecerem aos padrões estabelecidos socialmente. Assim, o respeito aos mais velhos, às autoridades, aos costumes e à religião constituía uma das primeiras lições que as crianças aprendiam.

Os pais também se empenhavam em ensinar os filhos a bem falar e se expressar cuidadosamente, orientando-os a transmitir as idéias com clareza, falando baixo e pausadamente; recomendavam que não interrompessem a conversa, sobretudo dos adultos, atitudes que demonstravam atenção especial para a comunicação (TODOROV, 1999).

Essa preocupação dos pais demonstra situações distintas, mas inter-relacionadas. Primeiro, a ausência de escrita fonética possibilitou que se formulas-se uma linguagem mais cuidadosa, pois sua função era materializar a memória social e coletiva, ou seja, o conjunto das normas e valores que deveriam ser transmitidos de uma geração à seguinte. Em contrapartida, a preocupação dos pais com a precisão das informações, sob pena de castigo, pode indicar que a mentira era uma tendência que precisava ser evitada.

Além da ação educativa de falar bem, era preocupação dos pais transmitir valores fundamentais para que seus filhos fossem considerados polidos, honestos e disciplinados. Para obter esse comportamento, em seus discursos, lembravam-nos dos deveres com os deuses, do respeito à tradição, do serviço comunitário, e advertiam a que não seguissem o exemplo de pessoas indisciplinadas e mal-educadas.

A educação que os pais procuravam realizar em seus lares também tinha objetivos práticos, como meio de disciplinar o filho. A realização de tarefas consideradas essenciais, como ajudar a manter a casa limpa, era um importante elemento nesse processo de aprendizado. Além disso, os trabalhos domésticos iniciavam os meninos em atividades que exercitariam o físico, preparando-os para situações extremas, por exemplo, a guerra. Por isso, carregar lenha e água para

casa e os templos, dormir em cama dura e tomar banhos gelados no frio tinham por finalidade fortalecer o corpo, além de robustecer o caráter moral.

O cuidado com a formação de seus filhos expressava-se também na disciplina, sendo abundantes os castigos, fossem eles advertências verbais ou penas corporais. Segundo Gonzalo Aguirre Beltrán, antes dos oito anos, a disciplina era obtida pela admoestação, mas a partir de então as punições passavam a ser corporais, sendo mais severas conforme a idade. Os castigos iam desde beliscões pelo corpo até açoites com varas, picadas com espinhos de cactos, irritação das mucosas nasais e dos olhos com fumaça produzida por uma fogueira de pimentas vermelhas ou a exposição do corpo a baixas temperaturas, sem roupa (BELTRÁN, 1992).

Quando chegavam na adolescência, por volta dos 12 anos, os meninos e meninas estavam prontos para se integrarem na vida social de modo mais efetivo e, por isso, eram motivados a trabalhar por conta própria, exceto as mulheres, que ficavam restritas à vida doméstica. Em seguida, os jovens poderiam freqüentar as escolas especializadas, espalhadas pelos bairros de *Tenochtitlán*.

Organizadas em centros, as escolas pretendiam cumprir com seus ideais de formação, a exemplo do guerreiro, do sacerdote, do comerciante, do artesão, da artesã ou simplesmente do homem comum. Os conhecimentos e habilidades transmitidos nesses centros educacionais, o *telpochcalli* e o *calmécac*, permitiam produzir e reproduzir os quadros produtivos e ideológicos dessa sociedade. Assim, esses centros educacionais representavam a etapa final da formação de um jovem, antes de participar efetivamente na vida social e econômica.

A primeira escola, o *telpochcalli*, era destinada aos jovens mais pobres. Nessa instituição, predominavam tarefas mais pesadas, a exemplo de exercícios físicos, dormir com poucas roupas em noites de inverno, carregar lenha para abastecer as fogueiras nos templos e fazer serviços de limpeza pública. Os trabalhos comunitários concorriam para que o jovem interagisse com a sociedade ao mesmo tempo que o trabalho que desempenhavam contribuía para a manutenção do templo. Em face dos rigores do trabalho, essa atividade possibilitava o fortalecimento do corpo, pois um de seus objetivos era proporcionar melhores condições para que

pudessem freqüentar os campos de batalha.

Além disso, fazia parte desse programa aprender os cantos religiosos, as danças cerimoniais, bem como as normas que regulamentavam a vida cotidiana da sociedade asteca. Os hinos e cantos - recitados após o pôr-do-sol, ao som do *huehueltl*, tambor feito com um tronco oco de madeira - exaltavam sua história de conquistas.

Mestres da palavra, os *tlamatinime*, procuravam recitar os cantos a fim de “fixar” na memória dos seus alunos toda uma série de textos que representavam a produção cultural dos astecas. Além disso, faziam festas, a cada vinte dias, em louvor aos deuses, ou para celebrar vitórias passadas, ou apenas como passatempo.

Para completar sua formação, os jovens, todos os dias, faziam exercícios físicos e treinamento com armas. Tal empenho tinha pelo menos duas razões. Antes de tudo, a vida dedicada à guerra era concebida como missão religiosa. Em segundo lugar, a guerra tinha uma função econômica, visto as conquistas possibilitarem a arrecadação de tributos.

Todo processo educativo asteca era acompanhado pela punição, que, ao que tudo indica, objetivava criar o hábito da austeridade e do domínio de si. Segundo Bartolomé de las Casas, os rigores que os mestres usavam no *telpochcalli* destinavam-se a coibir nos alunos a possibilidade de transgressão dos costumes da escola e da sociedade. Por outro lado, o objetivo desse instrumento parece ter sido habituá-los às condições adversas que a guerra impunha (LAS CASAS, 1992).

Diferentemente do *telpochcalli*, no *calmecác* predominava o ensino da religião, da história e dos cantos sagrados, que faziam parte da complexa religiosidade do homem asteca. Ao entrar na escola, por volta dos 12 anos, em regime de internato, os jovens eram educados pelos *teomamas* e os *tlamatinime*, sábios responsáveis por educá-los em suas tradições.

As crianças aprendiam as danças, a pintura, a astrologia, a retórica, o calendário sagrado, bem como as regras que definiam um comportamento considerado exemplar. Eram obrigadas a se levantar de manhã, antes de o sol nascer, para o aprendizado dos ritos sagrados no templo. As recomendações dos sacerdotes buscavam orientá-los a cumprir integralmente as tarefas exigidas.

À noite, procuravam velar, rezar e praticar penitências, furando partes do corpo com espinhos de cacto, para oferecer sangue aos deuses (SAHAGÚN, 1998).

Além das orações e da religião, o ensino da oratória era uma dos conteúdos mais importantes para o asteca. A fala assumia uma propriedade ritual e também era considerada ferramenta para o bom desempenho religioso e para a administração imperial.

O cuidado com o bem-falar, principalmente para os que iriam exercer funções consideradas estratégicas - como os altos cargos na estrutura administrativa do império e na hierarquia sacerdotal - era reservado para poucas pessoas. Nesse caso, a oratória e a argumentação eram peças-chave para a manutenção do poder, tanto que se constituía como um dos principais quesitos para esses atores sociais.

Para o aprendizado da fala ritual e da arte da oratória, os mestres utilizavam técnicas de memorização que permitiam aos jovens reproduzir os discursos sem cometer erros. Os *tlamatinime*, sábios oradores, pronunciavam ou cantavam os textos decorados para que os alunos pronunciassem exatamente como havia sido feito. O menor erro do aprendiz era castigado severamente.

A importância do conhecimento da história colocava os *tlamatinime* como os mais elevados guias, capazes de penetrar nas antigas doutrinas e, a partir delas, elaborar suas concepções de mundo, de homem e de religião. Essa característica conferia aos sábios o estatuto de pessoas mais respeitadas da sociedade asteca. O cultivo da memória e do registro histórico, teve especial atenção no *calmécac*. O jovem aprendia a história de seu povo por meio de memorização, pinturas em afrescos, ou dos “livros” sagrados conhecidos por

Códices. Assim, preservavam a história e as experiências diárias, fossem elas: coletivas ou individuais.

Os astecas nutriam verdadeira reverência aos astros e às deidades celestes, por isso, seu estudo não era ignorado na escola. Aos educadores cabia ensinar o curso celeste e o manejo dos ciclos temporais, pois entendiam que a leitura dos astros ajudava não apenas a determinar as datas cerimoniais, mas também na tomada de decisões importantes para o império. Os líderes freqüentemente

consultavam os astros a fim de interpretar presságios, pre-vedendo resultados de batalhas, ascensão e queda de chefes e desastres (A VENI, 1991). Dessa forma, os observatórios cumpriam função de adivinhação, além da astronômica, o que justificava seu ensino na escola para os jovens nessa instituição de ensino.

O conteúdo ensinado no *calmécac* ilustra as finalidades que perseguia tal estabelecimento: oferecia aos jovens uma formação mais teórica para prepará-los nas atividades religiosas e políticas, além da responsabilidade de manter os valores e regras que garantiriam unidade ao grupo (BELTRÁN, 1992).

Com esse expediente, o processo de educação dos astecas procurou formar seus membros para corresponderem às condições materiais e ideológicas dessa sociedade. À medida que as relações produtivas se transformavam, novos modelos educativos eram exigidos para atender às necessidades que se apresentavam.

Enquanto perambulavam pelo deserto, as difíceis condições encontradas pela tribo exigiram do homem asteca a incorporação de valores comuns que objetivavam ordenar seus membros para superar seus problemas. Coube às cerimônias de iniciação, que faziam a passagem da puberdade para a vida adulta, instruir os jovens na obediência das regras de conduta e das obrigações com o coletivo. Nessas cerimônias intervinha toda a comunidade, não apenas indivíduos isolados, no preparo dos jovens.

Não obstante, à medida que se tornavam sedentários e se desenvolviam política e economicamente, novos mecanismos foram incorporados na formação do homem asteca. As instituições educativas, o *telpochcalli* e o *calmécac*, assumiram a maior parte na responsabilidade de transmitir os conhecimentos necessários para o controle e manutenção social.

Assim sendo, a educação procurou cumprir sua parte ao preparar os jovens para fins determinados, o que demonstra clareza quanto aos objetivos que pretendiam alcançar. Quer no aspecto informal quer no formal, o sistema educacional asteca assumiu um perfil que objetivava formar um modelo de homem capaz de responder aos quadros produtivos e ideológicos da sociedade.

NOTAS

^I Aztlán é o lugar das garças brancas. Desse nome derivou-se o de asteca, popularizado por Fransisco Xavier Clavijero, no século XVIII. Também é conhecido como Aztlán Chicomóztoc, o lugar das “Sete Cavernas”.

^{II} A *Cronica Mexicayotl*, de Fernando Alvarado Tezozómoc, menciona 1069.

^{III} Entre os astecas, o colibri representa guerreiros mortos em batalhas.

^{IV} “Grande casa”; divisão do território em bairros.

^V Imigrantes relativamente tardios, chegaram ao vale do México pelo oeste, em torno do século XII. No século XVI, era a única tribo importante que não falava a língua nahuatl. A capital era *Xaltocan*. vi Os *tepanecas* possivelmente mudaram para o vale em torno do século XIII, onde fundaram *Azcapotzalco*. *Tenayuca*, *Tlacopan* ou *Tacuba*, *Toltiltan*, *Cuauhtitlan*, *Xaltocan* e *Tacubaya* são algumas das cidades aliadas dos *tepanecas*.

^{VII} Estabelecidos em *Culhuacan*, possivelmente em torno do século XII. Estavam próximos dos Lagos do México e do lago *Xochimilco*. *Xtapanalapa*, *Mexicalzingo* e *Huitzilopochco* são algumas de suas cidades.

^{VIII} Yaocfhuatl, mulher guerreira.

^{IX} Acamapichtli (1376-1396) foi o primeiro *tlatoani* de *Tenochtitlan*.

^X Chalca, Xochimilca, Malinalcas, Tepanecas, entre outros.

^{XI} Segundo a *Cronica Mexicayotl*, ao saírem de *Aztlán* eram apenas sete *calpullis* e durante os primeiros anos, *Tenochtitlan* contava com 15.

^{XII} Tezozómoc foi um dos principais líderes dos *tepanecas*.

^{XIII} Eram aqueles que compunham a classe da nobreza, seja ela sacerdotal, militar ou comercial.

^{XIV} Os *macehualtin* eram os homens do povo, compostos de agricultores, artesãos, pequenos comerciantes, etc.

^{XV} Não se sabe exatamente a data de nascimento e morte de *Tlacaélel*, mas é possível que tenha nascido em 1398 e morrido entre os anos de 1475 e 1480. De grande habilidade política, atuou sempre como conselheiro de *Itzcóatl*, *Motecuhzoma llhuicamina* e *Axayacátel*.

^{XVI} *Itzcóatl* (1427-1440) assumiu o poder de *Tenochtitlan* logo após a morte de Chimalpopoca. É considerado como o principal reformador da sociedade asteca.

^{VXII} Irmão de *Tlacaélel*, *Motecuhzoma llhuicamina* (1440-1469) foi um dos principais líderes militares na luta contra os *tepanecas*. Sobrinho de *Itzcóatl*, substituiu seu tio, quando este veio a falecer.

^{VXIII} Rei de Texcoco, *Nezahualcoyotl* (1418-1472) foi expulso de sua cidade após perder uma batalha para *Azcapotzalco*. Nas montanhas, organizou a resistência, atacando *Azcapotzalco* pelas “costas”, possivelmente interessado em recuperar sua posição de dominante nos territórios ao norte dos Lagos de Texcoco.

^{XXIX} O Templo Maior localizava-se na praça central de *Tenochtitlan*, rodeado por uma centena de templos menores e por muralhas que cercavam o local. Em sua base, serpentes de pedra ornamentavam o templo. Seus recintos escuros estavam enfeitados com figuras, oferendas e imagens de divindades. Na frente do templo, duas escadas íngremes levavam até o topo (uns quarenta metros de altura) onde estavam os santuários de *Huitzilopochtli*, deus da guerra, e de *Tlalóc*, deus da chuva e da fertilidade.

^{XXX} Monumento circular esculpido em pedra maciça, medindo cerca de 2,5 metros de diâmetro e 90cm de altura. Em sua lateral tem gravado, em relevo, a história das conquistas dos astecas e, em seu centro, uma cavidade onde depositavam corações humanos.

^{XXXI} Não se sabe exatamente o número de vítimas, porém, as estimativas de Frei Diego Durán chegam a oitenta mil pessoas; outras fontes indicam vinte mil.

REFERÊNCIAS

AUSTIN, A. L.; LUJÁN, L. L. *El pasado indígena*. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.

BELTRÁN, Gonzalo Aguirre. *Teoría y práctica de la educación indígena*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

CODICE CHIMALPOPOCA, *Anales de Cuauhtitlan y Leyenda de los Soles*. México: Imprenta Universitaria, 1945.

CORTÉS, Hemán. *Cartas y documentos*. México: Editorial POITÚa, 1946.

CASO, Alfonso. *El pueblo dei sol*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

DÍAZ DEL CASTILLO, B. *Verdadera historia de los sucessos de Ia Conquista de Ia Nueva Espana: Historiadores Primitivos de índias*. T.2, Madrid: Bi-blioteca de Autores Españoles, 1947.

DURÁN, Fray Diego, *História de Ias Indias de Nueva Espana y islas de Tierra Firme*. México: Atlas, sd.

FLORES CANO, Enrique. *Memoria mexicana*. México: Fondo de Cultura Económica, 2000.

JOHANSSON, P. K. *Estudio comparativo de Ia gestación y dei nacimiento de Huitzilopochtli en un relato verbal, una variante pictográfica y un “texto” arquitectónico*. Disponível em: www.ejournal.unam.mx/cultura_nahuatl. Acessado em agosto de 2002.

KRICKEBERG, W. *Las antiguas culturas mexicanas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.

LAS CASAS, Bartolomé. *Obras completas. Apologética historia Sumaria*. v. I-III. Madrid: Alianza Editorial, 1992.

LEÓN-PORTILLA, M. *A Mesoamérica antes de Ü19*. In: BETHELL, L (Org.). *História da América Latina: a América Latina colonial*. 2.ed. v.I. São Paulo: Edusp, 1998. p.25-61.

_____. *Los antiguos mexicanos: a través de sus crónicas y cantares*. Méxi-co: Fondo de Cultura Económica, 1995.

LEÓN-PORTILLA, M. *Toltecatoyótl: aspectos de Ia cultura náhuatl*. Méxi-co: Fondo de Cultura Económica, 1992.

NICHOLSON, H. B. (Org.). *Astecas: reinado de sangue e esplendor*. Rio de Janeiro: Abril Coleções, 1998.

PEREIRA MELO, José Joaquim. *De Cuba a Tenochtitlán: a busca dos “se-gredos da terra”*. Estudo da trajetória de Fernando Cortés no México (de 18 de fevereiro a 8 de novembro de 1519). 1998. Tese (Doutorado em História) - Unesp, Assis.

_____. *A educação no Império dos preferidos do sol*. *Revista Teoria e Prática da Educação*, Maringá, UEM, v.4, n.9, p.-41-56, 2000.

ROJAS, José Luis. *Los Aztecas*. *Historia de Iberoamerica*. T. I, Madrid: Cate-dral, 1992.

SAHAGÚN, Bernardino de. *Historia General de Ias cosas de Ia Nueva Espana*. Madrid: Alianza Editorial, 1988.

SCHWARTZ, Stuart B.; LOCKHART, James. *A América Latina na época colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

TEZOMOC, Fernando Alvarado. *Cronica Mexicayotl*. México: Imprenta Universitaria, 1949.

VAILLANT, C. *G.La civilización azteca*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992